



CCPFC/ENT-AE-1396/20

|   |                         |
|---|-------------------------|
| <b>CONSELHO CIENTÍFICO-PEDAGÓGICO DA FORMAÇÃO CONTÍNUA</b><br><br><b>APRESENTAÇÃO DE AÇÃO DE FORMAÇÃO</b> | <b>An<sub>2</sub>-A</b> |
|   | <b>N.º</b>              |

## TÍTULO

**ARTE DIANTE DOS OLHOS: VISUALIZAÇÃO FILOSÓFICA ATIVA COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA**

## ÁREA DE FORMAÇÃO

- A. área da docência: áreas do conhecimento, que constituem matérias curriculares nos vários níveis de ensino  
B. Prática pedagógica e didática na docência: formação no domínio da organização e gestão da sala de aula

## MODALIDADE

### Curso de formação

Curso de formação - Colóquios, Congressos, Simpósios, Jornadas, Iniciativas congéneres

Curso de formação - Disciplina Singular do Ensino Superior

Oficina de Formação

Círculo de Estudos

Estágio

Projeto

## REGIME DE FREQUÊNCIA

Presencial

E-learning - Presenciais: | Online: x | Síncronas x | Assíncronas: | x

B-learning - Presenciais: | Online: | Síncronas: | Assíncronas: |

## DESTINATÁRIOS DA AÇÃO

Professores do Grupo 410 (Filosofia).

## DOMÍNIO CIENTÍFICO E PEDAGÓGICO

Professores do Grupo 410 (Filosofia).

## RAZÕES JUSTIFICATIVAS DA AÇÃO E SUA INSERÇÃO NO PLANO DE ATIVIDADES DA ENTIDADE PROPONENTE: PROBLEMAS/NECESSIDADES DE FORMAÇÃO IDENTIFICADOS

A definição filosófica de arte enfrenta um paradoxo: apesar da abundância de objetos artísticos no quotidiano, os conceitos centrais do debate (mimésis, forma significativa, experiência estética, instituição artística, mundo da arte, etc.) mantêm um elevado grau de abstração, difícil de articular com a experiência sensível dos alunos. A **Visualização Filosófica Ativa**, enquanto estratégia didático-filosófica, permite tornar visíveis e exploráveis os fundamentos conceituais das teorias da arte, através de metodologias ativas com intencionalidade filosófica. Ao associar obras concretas a critérios teóricos, e promover julgamentos artísticos encenados ou mapas conceituais dinâmicos, facilita uma apropriação crítica, comparativa e intelectualmente rigorosa desta problemática das Aprendizagens Essenciais de Filosofia.

## OBJETIVOS A ATINGIR

A ação pretende capacitar os docentes para explorar a definição de arte com profundidade filosófica, através da Visualização Filosófica Ativa, tornando visíveis as estruturas conceituais e argumentativas do debate estético.

1. Explorar a relevância filosófica e educativa da definição de arte.
2. Aplicar o conceito de Visualização Filosófica Ativa como estratégia didática.
3. Representar diferentes formulações do problema (Bell, Danto).
4. Analisar teorias essencialistas com exemplos e exercícios críticos.
5. Trabalhar o ceticismo de Weitz com jogos de classificação e analogias.
6. Explorar teorias não essencialistas com simulações e narrativas visuais.
7. Criar atividades com alternativas à definição clássica.
8. Estimular o julgamento crítico e estético dos alunos.
9. Usar obras e imagens como dispositivos filosóficos.
10. Integrar as atividades nas Aprendizagens Essenciais.
11. Fomentar a metacognição sobre o juízo filosófico na arte.
12. Desenvolver projetos interdisciplinares com recurso à Inteligência Artificial generativa.

---

## CONTEÚDOS DA AÇÃO

---

### 0. KIT DE ÉTICA PRÁTICA

#### 1. O Problema da Definição de Arte

##### 1.1. Complexidade e Critérios da Definição

- 1.1.1. Problematização do conceito de arte
- 1.1.2. Relação entre arte e critérios de inclusão/exclusão
- 1.1.3. Consciência da complexidade da definição

##### 1.2. Possíveis Estratégias de VFA

- 1.2.1. Mapa conceitual da definição de arte
- 1.2.2. Análise comparativa de objetos ambíguos
- 1.2.3. Encenação de debates entre critérios

#### 2. Formulações Clássicas e Contemporâneas

##### 2.1. Clive Bell e a Forma Significante

- 2.1.1. Conceito de 'forma significante'
- 2.1.2. Limites e potenciais do formalismo
- 2.1.3. Relação com obras modernistas

##### 2.2. Possíveis Estratégias de VFA

- 2.2.1. Análise visual de obras modernistas
- 2.2.2. Atividade de identificação de 'forma significante'
- 2.2.3. Debate sobre Kandinsky, Mondrian e Malevich

##### 2.3. Arthur Danto e o Mundo da Arte

- 2.3.1. Teoria institucional e perceção da arte
- 2.3.2. Limites entre arte e não-arte
- 2.3.3. Papel da teoria na definição artística

##### 2.4. Possíveis Estratégias de VFA

- 2.4.1. Encenação da transformação do urinol de Duchamp
- 2.4.2. Simulação da galeria do mundo da arte
- 2.4.3. Representação visual da teoria de Danto

#### 3. Teorias Essencialistas da Arte

### **3.1. Representacionalismo (Platão e Aristóteles)**

- 3.1.1. Arte como imitação
- 3.1.2. Comparação com teorias posteriores
- 3.1.3. Função social da arte clássica

### **3.2. Possíveis Estratégias de VFA**

- 3.2.1. Atividade de representação artística
- 3.2.2. Análise de obras como imitação
- 3.2.3. Debate entre cópia, recriação e originalidade

### **3.3. Expressivismo (Tolstói e Collingwood)**

- 3.3.1. Arte como expressão de emoções
- 3.3.2. Relação entre criador e obra
- 3.3.3. Papel do público na receção

### **3.4. Possíveis Estratégias de VFA**

- 3.4.1. Representação gráfica de emoções
- 3.4.2. Simulação do processo criativo
- 3.4.3. Debate sobre autenticidade expressiva

### **3.5. Formalismo (Clive Bell)**

- 3.5.1. Conceito de 'forma pura'
- 3.5.2. Aplicação a obras não figurativas
- 3.5.3. Reflexão sobre sensação estética

### **3.6. Possíveis Estratégias de VFA**

- 3.6.1. Exercício com fragmentos visuais
- 3.6.2. Comparação entre formas puras
- 3.6.3. Atividade sensorial com som e imagem

## **4. Teorias Não Essencialistas**

### **4.1. Indefinibilidade (Morris Weitz)**

- 4.1.1. Crítica ao essencialismo
- 4.1.2. Visualização de semelhanças de família
- 4.1.3. Flexibilidade concetual

### **4.2. Possíveis Estratégias de VFA**

- 4.2.1. Jogo de classificação com casos-limite
- 4.2.2. Analogias entre obras
- 4.2.3. Mapa de semelhanças de família

### **4.3. Teoria Institucional (George Dickie)**

- 4.3.1. Papel das instituições
- 4.3.2. Simulação de mundo sem curadores
- 4.3.3. Questionamento da autoridade cultural

### **4.4. Possíveis Estratégias de VFA**

- 4.4.1. Simulação de criação artística institucional
- 4.4.2. Júri sobre obras controversas
- 4.4.3. Análise crítica dos curadores

### **4.5. Teoria Histórica (Jerrold Levinson)**

- 4.5.1. Definição relacional da arte
- 4.5.2. Vínculos históricos entre obras
- 4.5.3. Continuidade cultural e artística

#### **4.6. Possíveis Estratégias de VFA**

- 4.6.1. Linha do tempo interativa
- 4.6.2. Atribuição histórica de sentido
- 4.6.3. Representação das influências mútuas

#### **5. Alternativas à Definição Tradicional**

##### **5.1. Narrativas Históricas**

- 5.1.1. História pessoal e cultural da arte
- 5.1.2. Criação de narrativas para situar obras
- 5.1.3. Pensamento contextualizado

##### **5.2. Possíveis Estratégias de VFA**

- 5.2.1. Biografias visuais de obras
- 5.2.2. Atividade de contextualização histórica
- 5.2.3. Exercício com múltiplas interpretações

##### **5.3. Agregados de Características**

- 5.3.1. Propriedades recorrentes
- 5.3.2. Composição de definições abertas
- 5.3.3. Exploração de alternativas ao essencialismo

##### **5.4. Possíveis Estratégias de VFA**

- 5.4.1. Seleção de propriedades estéticas
- 5.4.2. Composição de definições alternativas
- 5.4.3. Simulação de testes conceituais

**Visualização Filosófica Ativa (VFA)** é uma estratégia didático-filosófica que visa tornar mentalmente visíveis e sensivelmente experienciáveis os conceitos, argumentos e problemas filosóficos, através de metodologias ativas com forte intencionalidade filosófica. A VFA propõe-se ultrapassar a distância entre o pensamento abstrato e a compreensão intuitiva, promovendo formas de clarificação e apropriação do pensamento filosófico que combinam rigor concetual com envolvimento cognitivo, emocional e simbólico.

Esta estratégia distingue-se de outras abordagens pedagógicas por reunir três características fundamentais:

1. **Intenção Filosófica:** A VFA não se limita a facilitar a compreensão ou a motivar os alunos — procura desenvolver estruturas de pensamento tipicamente filosóficas, como a análise de condições necessárias e suficientes, a formulação de objeções e contraexemplos, a construção de analogias ou a exploração de dilemas morais e ontológicos.
2. **Visualização Argumentativa:** A centralidade da visualização não reside na sua função estética ou ilustrativa, mas na sua capacidade de condensar e tornar acessíveis, de forma relacional ou metafórica, os elementos estruturantes do raciocínio filosófico. Essa visualização pode ser espacial (diagramas), dramática (personagens), simbólica (metáforas visuais), lúdica (gamificação) ou experiencial (experiências mentais).
3. **Atividade Epistémica:** Os alunos são sujeitos ativos na reconstrução ou problematização dos argumentos, através de metodologias que os envolvem na manipulação de estruturas argumentativas, na encenação de debates concetuais ou na investigação colaborativa orientada por critérios filosóficos.

\* A Visualização Filosófica Ativa encontra particular aplicabilidade em contextos de ensino da Filosofia no ensino secundário, onde se torna necessário conciliar a exigência de rigor lógico com a necessidade de envolver os alunos em experiências cognitivas significativas e retentivas. Está alinhada com as Aprendizagens Essenciais de Filosofia, ao promover o desenvolvimento da análise concetual, da argumentação rigorosa e da problematização crítica, e com os princípios do



CCPFC/ENT-AE-1396/20

*Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, ao estimular a autonomia intelectual, a criatividade, a sensibilidade estética e a capacidade de pensar de forma crítica, colaborativa e eticamente orientada.

Em síntese, a Visualização Filosófica Ativa propõe uma renovação do ensino da Filosofia: não como cedência ao lúdico ou ao visual, mas como estratégia de aprofundamento concetual por outros meios de pensamento. Onde o discurso abstrato encontra limites, a VFA oferece outras formas de pensar — rigorosas, participadas e visualmente intensas. Mais do que ensinar Filosofia, trata-se de fazer com que o pensamento filosófico aconteça diante dos nossos olhos.

---

## METODOLOGIAS DE REALIZAÇÃO DA AÇÃO

|                          |                                |
|--------------------------|--------------------------------|
| <i>Presencial</i><br>20h | <i>Trabalho autónomo</i><br>5h |
|--------------------------|--------------------------------|

A ação será dinamizada em sessões síncronas na plataforma Zoom, explorando a metodologia da *Visualização Filosófica Ativa* como estratégia para tornar visíveis — em esquemas, analogias visuais, encenações e simulações — os conceitos e argumentos envolvidos na definição de arte. As sessões articularão momentos expositivos breves com atividades colaborativas, análise de obras ambíguas, jogos concetuais, dramatizações e construção de mapas de semelhanças. Serão utilizadas ferramentas digitais partilhadas, salas simultâneas para debate em pequenos grupos e exercícios de reconstrução crítica de teorias. Haverá espaço para a partilha de experiências pedagógicas e a criação de recursos que promovam o juízo filosófico sobre a arte, em diálogo com práticas estéticas concretas. A ação culmina na elaboração de microprojetos de investigação filosófica com os alunos, podendo integrar o uso de Inteligência Artificial (como o ChatGPT). Pretende-se criar um ambiente de pensamento crítico e criativo, onde a filosofia se torne visível, experienciável e pedagogicamente significativa.

---

## REGIME DE AVALIAÇÃO DOS FORMANDOS

Para além dos materiais e das reflexões realizadas durante a formação síncrona, os formandos terão de elaborar:

- Um projeto filosófico-didático.
  - Um trabalho individual, que reflita sobre um dos tópicos abordados e desenvolva uma planificação didática, que materialize os conhecimentos e as competências adquiridas.
- 
- Assiduidade e participação nas sessões – 20%
  - Realização de tarefas – 30%
  - Trabalho individual – 50%
  - Obrigatoriedade de frequência de 2/3 das horas presenciais.
  - Trabalhos práticos e reflexões críticas efetuadas, a partir das e nas sessões presenciais, de acordo com os critérios previamente estabelecidos, classificados na escala de 1 a 10, conforme indicado na Carta Circular CCPFC – 3/2007 – Setembro 2007, com a menção qualitativa de:
    - 1 a 4,9 valores – Insuficiente;
    - 5 a 6,4 valores – Regular;
    - 6,5 a 7,9 valores – Bom;
    - 8 a 8,9 valores – Muito Bom;
    - 9 a 10 valores – Excelente.

---

## 9. BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

### Obras sobre o problema da arte

Carroll, N. (2001). *Philosophy of art: A contemporary introduction*. Routledge.  
(Versão portuguesa: Carroll, N. (2002). *Filosofia da arte: Uma introdução contemporânea*. Edições 70.)



CCPFC/ENT-AE-1396/20

Danto, A. (1981). *The transfiguration of the commonplace: A philosophy of art*. Harvard University Press.  
Xhignesse, M.-A. (2023). *Aesthetics: 50 puzzles, paradoxes, and thought experiments*. Routledge.

**Obras sobre estratégias didáticas**

Hand, M. & Winstanley, C. (Eds.) (2008). *Philosophy in schools*. Continuum.  
Worley, P. (2011). *The if machine: Philosophical enquiry in the classroom*. Continuum.

---

---